

Haroldo Hollanda

## Riscos e ameaças da crise política

"Todo mundo defende o poder. O Sarney é o único que deixa ele escapar pela janela", desabafou, em tom dramático, o deputado José Lourenço, líder do PFL na Câmara, a respeito do desdobramento da crise política e econômica em que mergulhou o país. As principais lideranças políticas continuam esperando, angustiadas, que o presidente Sarney e seu governo saiam do imobilismo em que se encontram e tomem decisões heróicas, capazes de retirar o país do clima de pessimismo e derrotismo em que se acha. Conversando ontem com o deputado mineiro Bonifácio de Andrada, o senador e ex-ministro Afonso Arinos, do alto da sua experiência, afirmou que a situação brasileira começa a apresentar sintomas muitos parecidos com os da crise alemã de 1923, crise esta que acabou desaguando no nazismo e em Adolf Hitler. Teme Arinos que o Brasil, dentro em pouco, chegue a um quadro de completa ingovernabilidade.

Os líderes políticos, mergulhados em suas ambições pessoais, revelam-se atônitos e perplexos. O presidente Sarney se sente acuado pelo PMDB, que o leva ao canto do ringue. Os militares voltam a falar. Por sua vez, o PMDB, que cultivava a popularidade, não se sente animado a arcar com os ônus do desgaste político, que implicaria em dar sustentação, neste momento, ao governo Sarney. O partido embarcou de corpo e alma na tese da convocação das eleições presidenciais diretas em novembro de 88.

A crise econômica aprofundou-se de tal modo, nas últimas semanas, que segundo declara a um amigo o ex-ministro Pratinde Moraes, ela terá um desfecho num sentido ou noutro, dentro de sessenta dias, no máximo. O país não suportaria continuar vivendo com uma inflação que vai devorando suas energias vitais.

O senador Mário Covas, líder do PMDB na Constituinte, adverte ser preciso, o quanto antes, definir o mandato do presidente Sarney. Reconhece, porém, que se torna urgente imprimir um rumo econômico ao governo. A partir daí, segundo julgamento do líder Covas, começariam a ocorrer definições, a favor e contra.

O deputado paulista Roberto Cardoso Alves, do PMDB, tem sido um dos mais leais e ardentes defensores do presidente Sarney no Congresso e no seu partido. Mas admite que "o presidente precisa dar um murro na mesa e começar a governar". O pior é que todos aguardam esse gesto de afirmação presidencial, sem que ele jamais venha a se consubstanciar na prática. O deputado Roberto Cardoso Alves identifica a existência hoje, no país, de um triunvirato que passou a governar, representado por Sarney, Ulysses e Aureliano. E conclama: "É preciso que o presidente acabe com esse triunvirato".

A Executiva Nacional do PMDB ontem reunida, resolveu convocar a Convenção Nacional e a bancada do partido na Constituinte para que se pronunciem sobre a duração do mandato presidencial. Na véspera, a bancada de senadores do PMDB, integrada em sua maioria por políticos de formação conservadora, havia se reunido e se manifestado a favor dos quatro anos para Sarney. Um dos mais leais e dedicados políticos do PMDB informa que está lutando com unhas e dentes para vencer o cerco em que se encontra o

governo no seio do PMDB. Mas confessa que sem a ajuda do presidente Sarney a sua batalha acabará sendo infrutífera e inglória. O que todos clamam é que o governo faça algo em seu próprio benefício, a fim de não ser trágico pela velocidade dos acontecimentos.

O deputado cearense Expedito Machado, do PMDB, em manobra desesperada, prosseguia ontem no seu esforço de compor um grupo político de apoio ao governo. O manifesto do grupo, que deveria ser tornado público ontem, teve a sua divulgação retardada, a pedido do deputado Ulysses Guimarães. O deputado Luiz Henrique, líder do PMDB, entende, também, que a divulgação do manifesto acirrará ainda mais os ânimos entre os grupos em conflito no partido.

O senador Luiz Viana Filho, do PMDB da Bahia, acha que todas as demais questões com as quais se vê às voltas o país são decorrentes de uma crise política. De acordo com seu julgamento, se o governo tiver uma definição política ficará mais fácil resolver todos os demais problemas que afligem o país nesta fase.

### Lenha na fogueira

O deputado mineiro Bonifácio de Andrada, do PDS, acha que o PMDB "atirou mais lenha na fogueira política" com sua decisão de ontem de convocar a Convenção Nacional e a bancada do partido na Constituinte para se pronunciarem sobre a duração do mandato do presidente Sarney.

### Titanic

Com semblante fatigado, o senador Fernando Henrique Cardoso, brincando, perguntava ontem a um jornalista: "Como é mesmo aquela história do Titanic?" Para os que não sabem, tornou-se hábito no Congresso contar que os políticos brasileiros estão como os passageiros que dançavam no Titanic, indiferentes aos riscos dos icebergs que rondavam o barco em que navegavam.

### Omissão

O deputado Bernardo Cabral, relator da Comissão de Sistematização da Constituinte, advertia ontem as principais lideranças políticas para os graves erros em que estão incidindo, ao procurarem tirar o corpo fora das responsabilidades que lhes cabem na hora presente. "Nenhuma liderança" — frisou — "se afirma pela omissão".

### Diretas em Natal

A deputada potiguar Wilma Maia, do PDS, explica que o comício em favor das eleições presidenciais diretas, a ser realizado em Natal, no próximo dia 16, é um movimento suprapartidário. Adianta que o comício tem ainda o objetivo de conscientizar a população local para as importantes conquistas políticas, econômicas e sociais que poderão ser obtidas pela sociedade brasileira com a Constituinte.

### Parlamentarismo

Um exemplo do estado de perplexidade em que se encontram os políticos: o deputado paranaense Paulo Pimentel, do PFL, confessa que de manhã, quando chega ao Congresso, é parlamentarista.